**A SANTIDADE NO MUNDO ATUAL: BREVE REFLEXÃO SOBRE A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *GAUDETE ET EXSULTATE***

Eliseu Wisniewski[[1]](#footnote-1)\*

Que alegria receber de Papa Francisco a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual . Não estamos diante de um tratado sobre a santidade com definições e distinções eruditas e sofisticadas. A intenção de Francisco ao escrevê-la é modesta. Ele mesmo nos diz logo no seu inicio seu objetivo: “fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para ser santo e irrepreensível na sua presença, no amor” (cf. Ef 1, 4). O último número expressa seu desejo “espero que estas páginas sejam úteis para que toda a Igreja se dedique a promover o desejo da santidade” (n. 177).

O apelo à santidade perpassa toda a história do cristianismo e chega até os nossos dias. E o papa Francisco ao tratar deste tema acerta no alvo. Numa cultura espiritualmente desnutrida, mas sequiosa de espiritualidade, como a nossa, longe de ser um tema e um assunto fora de moda, a santidade, é um assunto pertinente. É preciso redizê-la a uma humanidade cansada de novidades e sedenta de verdade. É preciso purificá-la de tantas ambiguidades, equívocos, mal-entendidos para que a santidade seja entendida como um programa de vida e acontecendo no altar da vida, encarnada em pessoas de carne e ossos, porque, como diz K. Rahner, a “santidade em abstrato não existe”. Papa Francisco fala de santidade acontecendo “ao pé da porta” (cf. n. 7), sendo, por isso, o rosto mais belo da Igreja (n. 9). Diante disso, não podemos deixar passar despercebida essa graça!

Francisco é filho da era inaugurada pelo Vaticano II e a Igreja que o gerou para a vida religiosa foi a Igreja do Vaticano II. Por isso, ele resgata, nesta Exortação os elementos essenciais e fundamentais da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG )*.* Essa constituição devolveu a certeza de que todo ser humano é vocacionado à santidade. Rompeu-se assim, com uma eclesiologia profundamente *jurisdicionista* (visão burocrática de Igreja que se formou no âmbito da cultura do século XVIII e tornou-se oficial no Concílio Vaticano I). O Concílio Vaticano II voltando à noção bíblica do Povo de Deus - falou no capítulo V da “vocação universal à santidade”. Uma verdadeira reviravolta, pois, retomou a ideia dos primeiros cristãos, a qual via a Igreja como povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espirito Santo (LG 4), o Vaticano II lembra que todos os batizados e batizadas têm dignidade, liberdade, formam a comunidade dos filhos e filhas de Deus e são templos do Espírito Santo (cf. LG 9). Todo o Povo de Deus por causa do sacerdócio comum dos fiéis é chamado à plena participação e a uma vida santa. Aliás, não só os católicos, mas todos os demais cristãos e a própria humanidade são destinadas a ser Povo de Deus (cf. LG 13). Faz notar o Papa Francisco que: mesmo fora da Igreja Católica e em áreas muito diferentes, o Espírito suscita sinais de sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo (n. 9).

 Em nossos dias soa muito bem retomar tudo isso e ouvir que a santidade não é privilégio de um grupo reservado. A santidade não é coisa de elite eclesial. A santidade não combina com individualismo: “não há identidade plena, sem pertença a um povo, por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado” (n.6). Não é confundida com atitudes de beatice ou de carolice, ou com atitudes alienadas e com comportamentos desiquilibrados e totalmente distantes do mundo real, tão comuns nos grupos neoconservadores que estão surgindo ultimamente no interior da nossa Igreja. A santidade é incompatível com o legalismo, o clericalismo, o elitismo, o conservadorismo e o tradicionalismo (cf. nn. 57-58). Ser santo não significa “revirar os olhos num suposto êxtase”(n. 96).

Sendo uma prerrogativa exclusiva de Deus, ela é acessível a todos (cf. n. 56). Deus nos comunica sua santidade e nos faz participantes da sua vida divina. A santidade, portanto, não é uma qualidade física ou moral. Não é fruto de um esforço próprio. É preciso enfatizar antes de tudo essa iniciativa de Deus para não sermos vítimas de duas falsificações da santidade que poderiam extraviar-nos: o *gnosticismo* e o *pelagianismo* (cf. nn. 35-62). São erros antigos que, no entanto, representam perenes perigos de equívocos da fé, mesmo em contextos históricos diferentes. São vistos como obstáculos à santidade porque retiram o lugar do mistério e da graça, concentrando-a na experiência privada ou no esforço individual.

Santidade é, portanto um dom divino e esta profundamente relacionada com a prática concreta da vida de cada dia, não sendo necessário fugir de seu estado de vida (cf. nn. 10 e 11), superando, desta forma, a ideia de igualitarismo vocacional que suprime as diferenças e contribui enormemente para o empobrecimento da comunidade cristã, mas se santificando exatamente e somente através de seu compromisso com a condição humana e cristã (n.26), respondendo os apelos divinos através da vivência evangélica do próprio estilo de vida (cf. nn. 14, 15, 16, veja-se o número 12 referente ao modo das mulheres viverem a santidade), e em todas as partes de nossa vida, inclusive nos ambientes virtuais (cf. n. 115). Cada santo é “uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo” (n.21).

Pertencendo à família divina e, entendendo-nos, como frutos do amor ilimitado da Trindade, nascidos do amor de Deus e predestinados ao amor, recebemos a missão de comunicar esse amor aos demais homens e mulheres pelo testemunho, através do próprio modo de viver, através do amor e da caridade. A santidade não é nada mais do que a “caridade plenamente vivida”(n. 21). Se expressa assim, Francisco: “gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade «ao pé da porta», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da classe média da santidade” (n. 7). Santidade vivida com realismo e sem romantismos “nem tudo o que um santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico ou perfeito. O que devemos contemplar é o conjunto da sua vida, o seu caminho inteiro de santificação, aquela figura que reflete algo de Jesus Cristo e que sobressai quando se consegue compor o sentido da totalidade da sua pessoa” (n. 22).

Obrigado Papa Francisco por sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Veio em boa hora! Ela nos acorda e nos faz vislumbrar um caminho acessível da santidade. Encoraja cada pessoa a viver na santidade cotidiana. “Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (n. 14). Santidade é avançar corajosamente na direção do futuro, do novo, do diferente, com: “suportação, paciência e mansidão” (nn. 112-121), com “alegria e sentido de humor” (cf. nn. 122-128), com “ousadia e ardor” (cf. nn. 129-139), e em oração constante (cf. nn. 147-157). Santidade que leva cada homem e a mulher a viver em plenitude, com entusiasmo e disponibilidade, mas também com muito realismo e, por isso, exige a luta e a vigilância (cf. nn. 158-165), o discernimento (cf. nn. 166-177). A santidade une liberdade e responsabilidade para atuar diretamente nos destino da história, fazendo acontecer a transformação do mundo e do convívio social (cf. n. 21, capítulo III, sobretudo os números 63-94, com especial destaque o n. 101). Santidade é acolher os apelos de Deus, as novidades do Espirito, sem alienações, subterfúgios ou coisa parecida (cf. nn. 27, 140-146). E para não cairmos na tentação de cultivar uma falsa santidade, é indispensável compreendê-la melhor, a partir das indicações da Palavra de Deus e da experiência da Igreja, a comunidade dos santos e das santas de Deus (cf. nn. 96-109).

1. \* Presbítero da Congregação da Missão Província do Sul (padres vicentinos). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Doutorando em Teologia pela mesma Universidade. [↑](#footnote-ref-1)